

CAPÍTULO 3 – O TRABALHO DE CAMPO

*Se podes olhar, vê.
Se podes ver, repara.*
(Livro dos Conselhos apud
Saramago, 1995:10)

3.1 Uma história em construção

No capítulo anterior apresentei uma história das Salas de Leitura partindo basicamente da leitura crítica de documentos oficiais. A intenção foi estabelecer as relações entre os textos produzidos em diferentes épocas e evidenciar não somente o contexto em que o documento foi produzido, mas também, a sua relação com as propostas precedentes.

Neste capítulo, procuro trazer a história que se constrói a cada dia, e os contextos de enunciação de onde emergem as diferentes vozes. No entanto, não pretendo *criar a ilusão de um sentido originário ao qual se poderia aceder se renunciássemos à teoria e à conceitualização. Ao contrário, é a apresentação assumida de um outro ponto de vista e da sua diferença em relação àquele da situação de campo que confere o caráter dialógico ao texto da pesquisa. A compreensão se produz na exotopia e não, na identificação* (Amorim, 2001:201). Não podia cair na armadilha que supõe a transparência do objeto, visão positivista, nem na que enfatiza a transparência do sujeito. Falar do campo é escrever sobre *um objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante. Verdadeira polifonia que o pesquisador deve poder transmitir ao mesmo tempo que dela participa.* (Amorim, 2001:19).

Foram utilizadas na pesquisa a observação participante e as entrevistas como principais instrumentos metodológicos. Como afirma Freitas (2003:18), *mais do que participante, esta observação é caracterizada pela dimensão alteritária: o pesquisador ao participar do evento observado constitui-se parte dele, mas ao mesmo tempo mantém uma posição exotópica que lhe possibilita o encontro com o outro.* Assim, mais do que descrever, o pesquisador deve trazer à tona a multiplicidade de vozes que dá sentido às práticas observadas.

Para este trabalho, foram entrevistados: a diretora da Divisão de Mídia Educação da Secretaria Municipal de Educação, quatro professoras de Salas de

Leitura, um professor de História de 5^a a 8^a séries, quatro professoras de 1^a a 4^a séries e alunos do Ensino Fundamental.

Inicialmente, o objetivo era observar intensamente uma Sala de Leitura Pólo, porém, como outras questões apareceram no curso da pesquisa, foi necessário estabelecer novas estratégias: a participação em reunião da Secretaria Municipal de Educação com professores das Salas de Leitura Pólo e, também, em reunião da Sala Pólo com os professores das Salas de Leitura Satélites. Além disso, passei a observar por um curto tempo, como contraponto, uma outra Sala de Leitura.

3.2. A Escolha da Sala de Leitura Pólo

A seleção do espaço para o trabalho de campo obedeceu a dois critérios básicos. O primeiro foi ser uma Sala de Leitura Pólo, pois as Salas Pólo possuem em sua estrutura cinco professores responsáveis e, por isso, eu não correria o risco de ficar sem o espaço da pesquisa se a professora tivesse que assumir uma turma no caso de falta de professor regente, fato que vem ocorrendo com frequência nas Salas de Leitura Satélite, onde só existe um professor responsável.

O outro critério foi que a Sala atendesse alunos de 5^a a 8^a séries, pois me interessava conhecer as práticas de letramento literário de alunos da segunda fase do ensino fundamental. Após estabelecer os critérios, houve um encontro com a diretora da Divisão de Mídia e Educação da SME onde foram apresentados os objetivos da pesquisa. Nesse encontro, tive acesso a vários documentos oficiais sobre a implantação do Projeto Salas de Leitura. A conversa teve como tema principal um assunto bastante polêmico que diz respeito à concepção das Salas de Leitura e o porquê das escolas da rede municipal não possuírem uma biblioteca. A diretora da Divisão de Mídia e Educação argumentou que as Salas de Leitura *comportam uma biblioteca*, além de outros acervos, como vídeos, revistas, jornais, gibis, fitas e CDs. O discurso atual é sempre no sentido de fortalecer uma concepção de leitura ampliada, isto é, um trabalho voltado para as diferentes linguagens. Assim, destaco um trecho do folder produzido pela equipe da Divisão, confirmando essa visão:

O QUE SÃO AS SALAS DE LEITURA

Espaços privilegiados de desenvolvimento de práticas voltadas para a promoção da leitura e formação do leitor na perspectiva da leitura de mundo e para a instalação de estruturas, tecnologias e metodologias mídia-educativas.

*A SALA DE LEITURA é um convite à leitura do Livro, do Rádio, do Jornal, da TV, do Computador, entendendo o exercício da leitura e da produção textual como práticas sociais que se dão dentro e fora da escola.*¹⁹

Apesar da conversa ter girado em torno dessa concepção de Sala de Leitura, fiz questão de frisar meu interesse em observar práticas de leitura literária, principalmente com alunos de 5^a a 8^a séries. Ciente do objetivo da pesquisa, a diretora da Divisão indicou uma Sala de Leitura Pólo na qual, segundo ela, havia um bom trabalho com o texto literário. Assim cheguei na escola onde passei seis meses observando o trabalho da Sala de Leitura.

3.3 – A organização do espaço: a materialização de um discurso

A escola escolhida está situada, na região metropolitana do Rio de Janeiro, numa das principais ruas de um bairro de classe média, cercado de favelas. Os alunos da escola, em sua maioria, são oriundos dessas comunidades, o que implica a responsabilidade da escola em garantir o acesso à cultura escrita, pois nas camadas populares a escola é, ainda, a principal instituição formadora de leitores de textos escritos.

O prédio possui quatro andares. Não há nenhuma área aberta. No recreio, os alunos ficam em um pequeno pátio interno, próximo ao refeitório, no andar térreo. O pátio é um espaço vazio, sem atrativo. Os alunos pequenos costumam ficar brincando de pique-pega ou pulando elástico. Os alunos de 5^a a 8^a séries têm permissão para ficar na Sala de Leitura na hora do recreio, o que de fato ocorre. Eles usam a Sala de Leitura para jogar xadrez, damas, cards e, também, para ler e pegar livros emprestados. Ainda nesse pavimento, estão as Salas de Professores, a

¹⁹ Folheto de divulgação produzido pela SME- Divisão de Mídia e Educação em 2002.

Secretaria, a Sala da Direção e uma salinha com uma copiadora. No segundo andar ficam três salas de aula, duas salas de atendimento a “alunos com necessidades especiais” (alunos surdos), um espaço separado com divisórias destinado ao Pólo de Educação para o Trabalho²⁰, uma sala grande onde funcionava um Laboratório de Ciências, atualmente desativado, uma Sala de Culinária pertencente ao Núcleo de Educação para o Trabalho e uma sala destinada a um outro Laboratório de Informática (já existe um na escola). No terceiro andar, existem três salas de aula, uma sala de atendimento a alunos com deficiência auditiva, a Sala de Leitura, um auditório e uma Sala de Informática. No último andar, existem mais seis salas de aula.

Segundo dados fornecidos pela coordenadora pedagógica, a escola possui 950 alunos, distribuídos em dois turnos. São 24 turmas de séries regulares e 7 grupos formados com alunos portadores de necessidades especiais.

Pensando no atendimento aos alunos de um modo geral, somente a Sala de Leitura é aberta a todos, pois a Sala de Informática em funcionamento atualmente atende somente aos alunos do Pólo de Educação para o Trabalho. Sendo assim, o espaço da Sala de Leitura é o único que oferece materiais diversos aos alunos, já que as salas de aula possuem somente um quadro-de-giz, mesas e cadeiras. O contraste entre esses ambientes é enorme e merece uma reflexão.

Na Sala de Leitura, todas as paredes possuem murais com trabalhos ou cartazes informativos (programação da Multirio e da TV Escola) e abaixo dos murais existem bancadas com caixas plásticas cheias de livros. Essas caixas têm etiquetas classificatórias (juvenis, infantis, poesia, ciência, pintores, música), e cada livro também possui uma etiqueta colorida que é colocada, segundo informação da professora da Sala, de acordo com o grau de dificuldade do texto. Existe uma estante com livros dirigidos ao professor, usada também para separar um pequeno espaço no fundo da Sala onde são guardados alguns materiais (acervo de fitas de vídeo, dicionários, computadores que ainda não estão em uso, pranchas sobre artes plásticas, um computador em uso etc). Em destaque, na parede central, resguardados por um armário com porta de ferro, estão a televisão e o vídeo; como já foi observado por Marlene Carvalho em sua pesquisa: *A presença poderosa da televisão, do vídeo e do aparelho de som, no lugar de honra, era a*

²⁰ Programa da SME que oferece oficinas em horários alternativos às aulas regulares.

marca dos anos 90 (1999:7). O seu destaque não é somente espacial, é significativo para entendermos a dinâmica desse espaço.

Tive a impressão de que o espaço gera uma dispersão pelo excesso de material exposto. Não me pareceu, desde o primeiro momento, um ambiente propício à leitura individual, concentrada. Num mesmo espaço, apertado para tantos atrativos, havia muitos livros, fitas de vídeos (mais de 600), murais com muitas informações, televisão, videocassete, aparelho de som, computador, além de mesas e cadeiras. Espaço metonímico do programa, a Sala de Leitura Pólo nos remete a um questionamento imediato: que aprendizado podemos desenvolver nesse ambiente? Como que respondendo a essa minha indagação, Jobim e Souza (2003:29) defende que *se, por um lado, o livro exige concentração, um mergulhar atento e intencional nos signos impressos para extrair sentidos da narrativa textual, por outro, a leitura que fazemos das imagens-signo que circulam de forma intermitente requer dispersão. Ou seja, uma nova forma de lidar com a informação e o conhecimento já nos habita e entra em conflito com antigas formas de leitura.* Bom seria se “as antigas” formas de lidar com o conhecimento, que nesse trecho se remete à leitura concentrada, atenta e intencional dos signos impressos já tivessem sido democratizadas e fizessem parte das práticas cotidianas de nossa sociedade. Assim, teríamos um leitor crítico, capaz de lidar com o excesso de informação em seus diferentes suportes sem se deixar cegar pelo turbilhão de imagens/textos. O objetivo desse estudo não é polemizar sobre o tema da tecnologia, mas conhecer o cotidiano das Salas de Leitura e observar como também a tecnologia vem sendo apropriada nesses espaços.

3.4 A Entrada no Campo

Antes da primeira visita, liguei para a escola e marquei um encontro com a professora Rosane²¹, a mais antiga na Sala de Leitura e elemento de ligação com a SME (atualmente não está mais; durante a pesquisa se aposentou). Como a diretora da Divisão já havia comunicado a minha ida à escola, elas já sabiam que o objetivo da pesquisa era observar atividades relacionadas com o texto impresso. Assim, fui informada sobre o horário da professora que realizava atividades

²¹ Por motivos éticos, optei por utilizar nomes fictícios para professores e alunos.

literárias com os alunos de 5ª a 8ª séries. Em nosso encontro, a professora Rosane relatou como era o funcionamento e a divisão de tarefas entre as seis professoras que trabalhavam na Sala naquela época²². Uma professora ficava responsável pelos eventos e era elemento de ligação com a SME, outra pelos projetos de 1ª a 4ª séries, outra pelo empréstimo de livros aos alunos de 1ª a 4ª séries, duas pelos projetos de 5ª a 8ª séries, e a última, pelo uso do vídeo e projetos de Informática. Falou também dos projetos previstos para todo o ano. Alguns temas sugeridos pela SME e outros pela Coordenadoria Regional de Educação. Acrescentou que a escola também elabora seus próprios projetos. Sobre o atendimento aos alunos, fez questão de frisar que as Salas de Leitura não devem estar na grade de horário; portanto os alunos vão lá para pegar livros emprestados, assistir vídeos, fazer pesquisas, participar de alguma atividade proposta pela equipe da Sala em parceria com algum professor, mas sem nenhuma regularidade. Em suas palavras, *tudo acontece eventualmente neste espaço*. Segundo ela, os alunos de 5ª a 8ª séries freqüentam menos a Sala, só vão lá assistir vídeos com os professores e, nessas ocasiões, alguns se interessam em pegar livros. Às vezes também vão lá fazer pesquisas que os professores passam. Em relação ao acervo, informou que recebem com freqüência livros da SME/ Divisão de Mídia, além da compra feita por elas com a verba que nos últimos anos o prefeito tem destinado para as escolas adquirirem livros nos eventos literários, como o Salão do Livro Infanto-Juvenil e Bienal. Falou também de outros equipamentos que existem na Sala, tais como: TV, vídeo, aparelhagem de som, filmadora, máquina fotográfica e computador.

Considerarei valioso o depoimento dessa professora e algumas questões ficaram me instigando. O aspecto que mais me chamou a atenção foi a falta de regularidade nas atividades propostas. Se os responsáveis pela Sala de Leitura devem ser os mediadores de diferentes leituras, como ocorre essa mediação se as práticas de leitura não são implementadas de modo sistemático? Qual o cotidiano desses profissionais? O que eles promovem na Sala de Leitura? O que é esperado deles pela escola e pelos outros órgãos (CRE e SME)?

²² Durante esta pesquisa houve duas professoras que se aposentaram e uma ficou de licença médica durante todo o 2º semestre. Assim, a Sala de leitura funcionou com três professoras a partir de junho.

Inicialmente procurei observar a dinâmica da Sala em dias diferentes, o que me permitiu observar o encaminhamento do trabalho por quatro professoras. Depois de algum tempo, passei a acompanhar principalmente a professora que atende aos alunos de 5^a a 8^a séries. Geralmente a professora que fazia empréstimo de livros para os alunos de 1^a a 4^a séries também estava na Sala, dessa maneira, também pude observar a dinâmica dessa atividade.

A minha permanência na escola não se deu de forma totalmente tranqüila. Comecei a observação, mas depois de alguns dias tive problemas. Percebi que a observação incomodava um pouco as professoras que pareciam sentir-se inseguras com a repercussão que a pesquisa poderia ter junto à SME. Conversamos sobre os propósitos deste trabalho e percebi que ficaram mais tranqüilas ao saber da minha intenção de observar também outra escola.

Depois desse momento, fui aos poucos restabelecendo um convívio menos tenso, em especial, com as duas professoras que acompanhei com freqüência. Com a prof^a Márcia, mantive um melhor entrosamento, pois além de ser a professora que atendia aos alunos de 5^a a 8^a séries, era ela quem mais explicitava a sua opinião sobre o programa, apontando as falhas e ressaltando os avanços.

Considero que essa entrada no campo foi um momento difícil da pesquisa. A preocupação em manter o lugar de pesquisadora, realizando o estranhamento necessário à análise, talvez tenha sido a tarefa mais complicada. No entanto, com o tempo, fui encontrando o meu lugar, diferente de quem está lá atuando, mas também diferente de quem está lá só observando para fazer uma análise, porque as emoções que vivi nesse trabalho têm uma forte ligação com a minha história profissional.

3.5 As Situações Observadas

Devido às múltiplas faces da Sala de Leitura, considerei necessário ampliar o meu objeto de pesquisa. Se, inicialmente, pretendia observar as práticas de letramento literário com alunos de 4^a a 8^a séries, durante o trabalho de campo, percebi que esse recorte não atenderia ao objetivo de compreender a dinâmica desse espaço. Dessa maneira, passei a observar todas as situações ocorridas dentro da Sala de Leitura, sem restrições.

O empréstimo de livros e o uso da Sala para jogos na hora do recreio são as práticas mais freqüentes e sistemáticas. Ocorrem atividades mais esporádicas, como a contação de histórias, leitura de textos literários para os alunos e sessões de vídeo. Além disso, o espaço é utilizado em reuniões de professores e, algumas vezes, cedido para encontros sem relação com o que está previsto no programa.

3.5.1 O Trabalho com os Textos Literários

“A Troca de Livros”

Esse é o nome usado pelas professoras da Sala de Leitura para os momentos em que os alunos vão até lá para devolver os livros e pegar outros. Assim que ouvi pela primeira vez as professoras se referindo dessa forma ao momento de empréstimo, passei a imaginar que haveria um espaço para que os alunos trocassem suas leituras, falando dos livros que leram, do que sentiram, se gostaram, enfim, que eles teriam um espaço para compartilhar suas leituras, trocar com os amigos e professores. Essa experiência, intensa, compartilhada, poderia desencadear uma verdadeira rede de leitores, mas isso não aconteceu. O sentido atribuído à palavra TROCA era bem diferente do que eu imaginava.

O empréstimo de livros de literatura infantil para as crianças de 1^a a 4^a séries é a prática mais freqüente e sistemática instituída na Sala de Leitura. Por esse motivo, ampliei o meu objeto de pesquisa, já que essa prática é muito significativa na dinâmica da Sala. Cada turma tem um horário de atendimento e os alunos vão em grupos de mais ou menos cinco alunos de cada vez. Eles devolvem o livro que levaram na semana anterior e escolhem um outro nas caixas previamente disponibilizadas pela professora da Sala de Leitura. A escolha deles se baseia num rápido folhear, às vezes tecem comentários do tipo “esse parece legal” ou “esse não quero, pois tem muita palavra” ou ainda “eu quero um com desenhos”. Observei que eles procuram livros de poemas, o que foi confirmado pela professora, disponibilizando sempre uma caixa com livros desse gênero. O tempo que cada grupo tem para escolha é pequeno; quando demoram um pouco mais, a professora logo lembra que os outros colegas precisam vir também. Não compreendia por que a turma não vinha toda junta, inclusive com a professora da turma, para ler e escolher o livro a ser levado. Fiz essa pergunta à professora da

Sala e ela respondeu que pretendia mudar a forma do empréstimo, porém ainda não havia sido possível, pois as professoras da Sala de Leitura não tinham tempo para atender todas as turmas. Argumentou que aquela forma agilizava o empréstimo, possibilitando atender seis turmas em uma única tarde.

A prioridade é o atendimento freqüente. Há um risco dessa prática se tornar meramente burocrática caso os alunos não possam expressar o que pensam sobre os livros e o que essas leituras significam em suas vidas. A troca com os alunos é a grande oportunidade de acertar nas dinâmicas de promoção da leitura, caso contrário, passa a ser mais uma tarefa a ser cumprida. Indago se não seria mais importante que cada turma tivesse um tempo maior na Sala de Leitura, com a possibilidade de um atendimento mais pessoal e atento, mesmo que isto significasse uma ida quinzenal em vez de semanal.

Em relação ao critério usado para disponibilizar as caixas para as turmas, segundo a professora da Sala, a seleção é feita de acordo com a complexidade do texto, sempre livros novos para cada grupo ou sobre temas específicos, caso seja solicitado por algum professor, como por exemplo, a caixa dos livros sobre a vida dos pintores, solicitada por uma professora de 3^a série, ou de folclore, tema que quase todas as professoras incluem em seus planejamentos.

Considero o empréstimo uma prática importante, pois permite o acesso aos livros, fazendo com que as crianças comecem a criar um repertório próprio de leituras, o que é essencial para um leitor crítico. Acredito, no entanto, que essa prática poderia ter também como objetivo a troca sobre o que leram e a possibilidade dos professores conhecerem o que pensam seus alunos sobre as histórias lidas, sobre o que gostam ou não gostam de ler, quais os usos que eles fazem dos livros em suas casas, além de poderem exercer o papel de mediadores dessas leituras, provocando-os com questões pertinentes aos textos lidos e instigando-os a ler textos cada vez mais complexos. Considero que essa é uma das principais funções do professor da Sala de Leitura: dinamizar o acervo, promovendo, assim, o letramento literário.

Depois de algum tempo de observação, passei a me aproximar mais das crianças e conversar com elas sobre o que achavam daquela atividade. Assim, colhi alguns depoimentos de crianças que pegavam livros semanalmente:

Entrevistadora - *Eu queria saber o que você acha dessa vinda à Sala de Leitura.*

Nádia (1º ano do Ciclo) - *Eu gosto dos livros porque é muito legal e a gente pode aprender com eles. A gente pode ler, aprender o AEIOU e o abecedário.*

E - *Como é que você escolhe um livro aqui?*

N - *Eu escolho um que seja bom, que tenha uma história legal pra gente ler. Eu abro, eu leio a capa e depois eu leio um pouquinho pra ver se é bom.*

E - *Você olha o tamanho do livro? O tamanho do texto?*

N - *O tamanho do texto eu vejo, porque é muito grande e minha tia bota pra mim copiar.*

E - *Que tia?*

N - *A minha tia que fica lá em casa.*

E - *Ah, então é a tia que fica na sua casa.*

N - *Aí eu pego, copio e leio.*

E - *Você gosta de copiar o livro?*

Silêncio

E - *Você fica olhando o livro que não seja muito grande para levar?*

N - *É, porque senão eu vou demorar muito pra fazer, né?*

E - *Você consegue ler os livros sozinha?*

N - *Muito não, às vezes, eu falo com a minha tia que eu não consegui, aí ela lê primeiro pra mim, depois eu tento ler.*

(No meio dessa entrevista, chegou um menino da turma e quis participar também).

E - *Vocês gostam de ouvir histórias?*

N - *Eu gosto.*

E - *E quem conta histórias para vocês?*

N - *A tia (...), a minha tia, a minha mãe...*

E - *E aqui na escola?*

N - *Foi uma moça, que contou um monte de piadas e a gente ficou rindo, se lembra, Luiz?*

E - *Foi a professora da Sala de Leitura que contou história para vocês aqui?*

N - *Foi só uma vez, ela disse que a gente ia vir de novo, mas nunca mais veio, não foi, Luiz?*

E - *E vocês, gostariam de vir mais aqui?*

N - *Han, han.*

E - *Para ouvir histórias e o que mais vocês gostariam de fazer aqui?*

N - *Para brincar, para ler livros...*

L - *Para ver vídeos também.*

E - *Vocês acham que o tempo que vocês ficam aqui dá bem para ver os livros?*

L - *Às vezes eu faço de propósito, fico uma hora aqui, eu pego um livro grande, a tia diz que eu não posso levar, mas eu pego só livro grande.*

E - *Você gosta tanto daqui assim?*

L - *Eu gosto.*

N - *Eu gosto de ler*²³.

As crianças gostam do espaço, sentem-se atraídas pelos livros, chegam felizes, falantes, pedem mais tempo ali, arranjam formas de permanecer mais tempo do que lhes é permitido, portanto o terreno é fértil para implementação de práticas consistentes de leitura. O que impede a escola de atender a essa demanda? Que outras prioridades são traçadas em detrimento dessa solicitação? O argumento para que esse atendimento não se modifique é a falta de tempo para todas as turmas e as outras inúmeras tarefas que cabem a esses profissionais, pois como é lembrado a todo instante, o trabalho da Sala de Leitura deve abranger diferentes linguagens e diferentes suportes. Será que o programa suporta objetivos tão amplos quando ainda não se garantiu um trabalho com o texto escrito?

Com esses depoimentos, pode-se perceber que a leitura é valorizada tanto pelas crianças quanto por seus familiares. Como já colocado anteriormente, pesquisas atuais comprovam que o brasileiro dá importância à leitura. E o que também já se verificou, de acordo com Soares (1988:21), *enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida*. Se a concepção de leitura é pragmática, cabe a escola repensar o quanto suas práticas têm fortalecido essa visão. Não seria a Sala de Leitura uma possibilidade de deflagrar essa reflexão? Não deveria fazer um contraponto ao discurso habitual de associar leitura somente ao estudo?

²³ Assinala-se que os depoimentos foram aqui reproduzidos sem correções gramaticais.

Resolvi conversar com as professoras das turmas atendidas para conhecer suas concepções sobre o empréstimo dos livros e qual a repercussão na sala de aula dessa atividade da Sala de Leitura. Gostaria de saber se utilizavam os livros levados pelos alunos, se sabiam o que eles levavam, se trocavam em sala as leituras feitas, enfim, o que significava para elas aquela prática. No centro de estudos²⁴ para os professores de 1ª a 4ª séries, a professora da Sala de Leitura pediu à coordenadora pedagógica que cedesse um tempo para conversarmos com os professores sobre a “troca de livros”. Nos depoimentos de três das quatro professoras presentes é evidente a visão da atividade como uma tarefa escolar:

Profª 1 (1º ano do Ciclo)²⁵ : *No início eles não sabiam o que fazer com os livros que levavam, pois como não sabem ler, eles diziam que não queriam os livros. Insisti que eles levassem os livros e pedissem para alguém em casa contar para eles a história. Depois, comecei a pedir que eles contassem em sala a história, assim eles começaram a contar a história que eles imaginavam pelas gravuras. Agora acho que eles estão mais animados. Outro dia, um aluno falou assim: olha tia, essa letra não é a do sapo?*

Profª 2 (2º ano do Ciclo): *No ano passado eu contava histórias todos os dias, mas nesse ano não dá, pois eu preciso acelerar os conteúdos, por isso eu leio só uma vez por semana. Alguns alunos adoram que os pais leiam para eles, mas alguns não têm ninguém para ler...Assim mesmo eu insisto que eles levem os livros e tentem ler, mesmo que seja pelos desenhos.*

Profª 3 (3º ano do Ciclo): *A turma gosta muito de poesia. Eles têm copiado, se apropriado das poesias, reescrito e me dado.*

²⁴ Os centros de estudos são reuniões dos professores com a coordenadora pedagógica da escola, com o objetivo de discutir o planejamento. Eles ocorrem semanalmente com a duração de duas horas (sem dispensa de alunos) e, uma vez por mês, com dispensa dos alunos, durante quatro horas.

²⁵ O sistema de ciclos foi implantado pela Portaria nº12 do E-DGED, em 14/12/1999. A partir de então, coexistem o ciclo (três primeiros anos escolares) e as séries (a partir da 3ª série).

Profª 4 (3ª série): *Eu descobri há pouco tempo que eles não liam os livros que pegavam. Por isso eu resolvi dar uma orientada nesse trabalho. Vou trabalhar com os pintores famosos e eles vão levar livros sobre esse tema e vão trocar entre eles. O problema dessa turma é que muitos não entendem o que lêem.*

Considero esses depoimentos bastante reveladores das concepções de leitura de cada professor. A professora 1, que atua numa turma do 1º ano do Ciclo, fala da importância de levar o livro para casa, mesmo quando a criança ainda não entendeu o porquê daquela atividade. Gostaria de lhe perguntar por que ela acha essa prática assim tão importante, mas logo ela respondeu, antes mesmo da pergunta ser feita: *agora eles estão mais animados, já reconhecem as letras nos livros*. Assim, a leitura também aqui se reduz à competência mecânica da alfabetização. Não podemos estranhar que a aluna diga que gosta dos livros porque aprende o AEIOU e o abecedário. A professora 2 também foi explícita em relação ao que pensa sobre a importância das histórias. Apesar de perceber o quanto as crianças gostam de ouvi-las e que nem todas têm alguém que possa ler para elas em casa, conclui que neste ano ela precisa dar conteúdos, por isso não dá para contar histórias todos os dias. Assim, revela uma visão de que a literatura é do campo do lúdico, não é trabalho a ser realizado, diferente dos “conteúdos”, que são necessários.

Opondo-se a essa divisão, Paulino (2001:73) traz o seguinte exemplo: *Anne-Marie (Chartier) nos disse que um livro sobre as baleias pode fazer-nos sonhar e imaginar tanto quanto um romance, e que um romance de Julio Verne pode fazer-nos descobrir o mundo de modo tão eficaz quanto um documentário. Mas as pessoas costumam pressupor que a literatura nos conduz ao sonho, enquanto o texto informativo nos conduz ao conhecimento do mundo*. Essa visão estanque do conhecimento produz uma condução equivocada do trabalho com a literatura na escola: ou se utiliza o texto literário no estudo gramatical, e, nesse caso, é trabalho, ou se permite a leitura livre nos momentos que sobram na rotina escolar. Assim, a professora nos diz que quando dá tempo, isto é, quando sobra tempo das atividades consideradas sérias, ela conta histórias, pois as crianças adoram!

A professora 3 foi a que pareceu mais animada com a leitura das crianças. Falou que eles trocam o que lêem, copiam os poemas por vontade própria e que estão empolgados com a possibilidade da escrita desse gênero literário. Nesse caso, a leitura gerou novas escritas e os próprios alunos apontam por onde o trabalho com a leitura e a produção de textos deve caminhar. A professora 4 revela a sua surpresa ao perceber que seus alunos não liam os livros que levavam. Minha surpresa é a professora achar que não tinha que orientar seus alunos nessas leituras; orientar no sentido da troca, não no sentido do controle apenas.

Assim, percebemos os encontros e desencontros com o trabalho da leitura na escola. A principal característica do que foi explicitado pelas professoras da escola é que elas entendem o contato do aluno com o material de leitura como fator suficiente para que eles se interessem pela leitura. Sem dúvida, é inegável a importância de ter um acervo disponível para os alunos, porém para esse aluno chegar a conhecer esse acervo, ele precisa ser estimulado e orientado em suas escolhas (não de um modo prescritivo, mas através do diálogo, da troca). Não caberia à Sala de Leitura um trabalho mais específico nesse sentido? Dessa forma talvez não tivéssemos depoimentos como o da professora 4 queixando-se que seus alunos não lêem os livros que levam.

Para os alunos de 5ª a 8ª séries não existe, segundo depoimentos e as observações, uma dinâmica regular para o empréstimo de livros. Geralmente são os mesmos alunos que procuram a Sala de Leitura livremente. Pude observar que são leitores; independentemente da escola, alguns vão à Sala fora do turno em que estudam, só para ter bastante tempo de escolher os livros. Em geral, eles escolhem sozinhos o que vão ler; poucas vezes vi a professora da Sala conversar com eles sobre suas leituras ou propor novos livros. Mesmo os alunos mais velhos, da 8ª série, costumam levar obras de literatura infanto-juvenil. Após observar esse fato, peguei as fichas de empréstimo e fiz um levantamento dos títulos levados pelos alunos de 8ª série neste ano²⁶. Os alunos costumam levar vários títulos de uma coleção chamada Vagalume, da editora Ática. Essa coleção é composta de livros de mistério e ação, com uma linguagem simples e enredos lineares, dirigida a alunos a partir da 5ª série. Encontrei pouquíssimos textos de literatura brasileira e

²⁶ A listagem com os títulos levados pelos alunos de 8ª série encontra-se em anexo.

estrangeira para adultos. Considero que se esses alunos já buscam a leitura de forma autônoma, poderiam ser apresentados aos bons autores de literatura brasileira e estrangeira, visando formar leitores literários cada vez mais capazes e com um repertório mais amplo.

Com a intenção de saber mais sobre os leitores assíduos da Sala de Leitura, entrevistei uma aluna, considerada grande leitora pela professora Márcia. Essa aluna é da 6ª série e costuma vir à Sala todos os dias:

Entrevistadora - *Você vem muito aqui na Sala de Leitura?*

Fátima - *Quase todos os dias.*

E - *Com a sua turma?*

F - *Não, eles não chamam a gente, sabe, a gente é que tem que vir, se quiser vem, se não quiser...*

E - *Sei, e qual o tipo de leitura que você mais gosta de fazer, de livro que você mais gosta?*

F - *Aventura.*

E - *Qual foi o livro de aventura que você mais gostou?*

F - *O que eu mais gostei foi Harry Potter e a Pedra Filosofal.*

E - *O que você gostaria que acontecesse aqui na Sala de Leitura?*

F - *Ah... eu queria que chegassem muitos livros novos, muitos livros!*

E - *Você acha que tem poucos livros aqui?*

F - *Não, poucos não têm, mas se chegassem mais, seria novidade.*

E - *Você conhece esses livros do lado de cá? (Estava me referindo aos livros que são considerados juvenis, alguns clássicos)*

F - *Mais ou menos, eu pego mais desse lado e dessa parte aqui da frente.*

(A aluna se referia aos livros infantis).

Nesse depoimento, chama a atenção a falta de conhecimento do acervo, principalmente porque essa aluna é uma das mais assíduas à Sala de Leitura. Como não há atividades de dinamização do acervo, os alunos costumam levar livros indicados pelos amigos, como Harry Potter, às vezes escolhem simplesmente pelo título, que segundo eles, já diz muito do livro, ou ainda, como alguns relataram, escolhem livros com textos curtos, os que são colocados nas caixas para empréstimo aos alunos de 1ª a 4ª séries. Pergunto: será que os alunos

não poderiam ter um tempo disponível para conhecer melhor o acervo da Sala de Leitura? Não poderiam freqüentar o espaço com um professor de qualquer disciplina para leitura de um conto? Existem 10.000 livros catalogados, segundo informação da professora Márcia²⁷. Como já disse anteriormente, o acervo é bastante rico e variado. A Sala de Leitura possui livros de literatura em diferentes gêneros, além dos informativos, que são em menor número. Apesar de toda riqueza do acervo, nas entrevistas com alunos de 5ª a 8ª série, os alunos declararam que não são incentivados pelos professores a freqüentar a Sala de Leitura. Alguns disseram que só foram à Sala de Leitura com professores para assistir vídeos, mesmo assim, raramente. Pelo que pude observar, o que traz um maior número de alunos à Sala é a possibilidade de jogar, conversar, desenhar e ler com os amigos na hora do recreio. Essa é a estratégia que tem sido mais eficaz para trazê-los a esse espaço. Vários depoimentos confirmam essa conclusão:

Angélica – 7ª série

E- *O que você acha da Sala de Leitura?*

A- *Eu acho uma sala muito legal porque aqui a gente pode brincar, conversar, desenhar, pesquisar, ler e muitas outras coisas.*

E- *Quando você costuma vir aqui?*

A- *Todos os dias.*

E- *Em que horário?*

A- *Na hora do recreio, porque é o único horário que a gente pode.*

E- *Os professores não trazem vocês aqui?*

A- *Não.*

E - *Nenhuma atividade é feita aqui?*

A- *Não, só vídeo, mas nesse ano ainda não vim.*

Maria – 7ª série

E - *O que você acha da Sala de Leitura?*

M - *Muito legal porque na hora do recreio em vez de ficar lá embaixo sem fazer nada, a gente vem pra cá para jogar, pra desenhar, pra ler.*

E - *Você acha o espaço bom pra ler?*

²⁷ Desse total, não foram retirados os livros danificados ou sumidos. Assim, segundo a professora, o acervo real deve conter mais ou menos 8.500 exemplares.

M - *É, tem bastante espaço.*

E - *Você já veio aqui com professor?*

M - *Não, só no auditório para assistir vídeo.*

E - *E para ler, algum professor fala para vocês virem aqui?*

M - *Não.*

Fiz entrevistas com vários alunos que freqüentam a Sala na hora do recreio e vários repetiram a mesma coisa: os professores só usam a Sala para passar vídeos, mesmo assim, raramente. A ida deles é espontânea, encontram nesse espaço a possibilidade de uma sociabilidade, entendida aqui como estar com um outro.

Em pesquisa realizada por Dauster (2001) sobre “Os Universitários: modo de vida, práticas leitoras e memória”, a autora descreve formas pelas quais diferentes sociabilidades constroem os espaços de uma biblioteca universitária. Na pesquisa nesta escola, embora o espaço seja único, ele se diferencia de acordo com as distintas sociabilidades que ocorrem nele. No recreio de 5^a a 8^a séries, é intensa a sociabilidade grupal, quando podemos ver conversas animadas entre os alunos, discussões acaloradas sobre jogos, leituras conjuntas de um mesmo livro, atividades geralmente compartilhadas entre amigos. Esses são momentos intensos da Sala de Leitura, em que percebemos a sua importância numa escola onde os alunos não possuem outro espaço onde possam conversar, brincar e ler.

Leitura Planejada de Textos Literários

A leitura de textos literários com os alunos é uma atividade esporádica na Sala de Leitura. Durante o período de observação, pude assistir essa dinâmica algumas vezes, realizada pela professora Márcia, com uma turma de 5^a série. Essa turma é formada com alunos repetentes, e, segundo a professora da Sala de Leitura, esse grupo é visto pelos professores como desinteressado e com um fraco desempenho. Sendo assim, ela se dispôs a atendê-los semanalmente, para tentar ajudá-los no trabalho com os textos. Embora esse acordo tenha sido feito com a professora de português, nem sempre foi possível realizá-lo. Algumas vezes porque a Sala de Leitura estava sendo utilizada com outros fins, como por exemplo, uma triagem médica feita por alunos de Medicina de uma universidade,

outras vezes porque a professora da Sala de Leitura estava envolvida em outras atividades. Todos motivos justos, porém desestruturantes em relação ao trabalho proposto, que acabou sendo assistemático, perdendo a possibilidade de se avaliar a sua eficácia. A falta de continuidade das propostas é um problema grave que precisa ser olhado com atenção.

Em relação à dinâmica desenvolvida, a professora Márcia utilizou estratégias distintas. No primeiro dia, distribuiu um texto que foi lido silenciosamente e depois oralmente pelos alunos. A seguir, a professora fez uma série de perguntas a respeito do texto (onde aconteceu a trama, quem eram os personagens, de que fatos eles tratavam) e provocou o grupo com questões que transcendiam o texto e tinham a ver com o dia-a-dia. Até esse momento, o grupo estava participando e parecia interessado. Depois dessa conversa, ela foi para o quadro-de-giz sistematizar o que eles haviam dito sobre os elementos da narrativa, acrescentando outros itens a serem levantados (personagens/ verbos/ substantivos/lugar/tempo). Daí por diante, os alunos se dispersaram completamente e ela continuou escrevendo no quadro praticamente sozinha. Ela cumpriu todo o ritual de uma aula de português tradicional: leitura silenciosa de um texto xerocado de um livro didático, leitura oral pelos alunos, comentários interpretativos da professora e, a seguir, uma sistematização dos elementos da narrativa e do emprego de verbos e substantivos no texto. A forma de trabalhar o texto literário na Sala de Leitura repetia o modelo da sala de aula. Pergunto: de que forma a Sala de Leitura poderia atuar para não repetir essa leitura didatizada? Segundo Soares (2001:47), é impossível que a escola não escolarize a literatura. Se a sala de aula tem suas formas de escolarizar, a biblioteca ou a Sala de Leitura também tem as suas, que devem ser diferenciadas. Isso não significa, para a autora, que seja necessariamente ruim. É preciso saber como fazê-lo de uma forma adequada. Sendo um espaço ainda em construção, talvez não esteja suficientemente claro como realizar atividades de leitura que não reproduzam a sala de aula. Buscando formas próprias de trabalhar, tanto a Sala de Leitura quanto a sala de aula devem investir numa proposta que não seja empobrecedora do texto literário.

Ainda, em outros momentos de atendimento a esse grupo de 5ª série, a professora Márcia leu histórias de livros de literatura infanto-juvenil. Depois de conversar com os alunos sobre os livros lidos, ela deixava que eles ficassem

olhando outros livros e escolhendo algum para levar emprestado. Nesses momentos, sem sistematização no quadro, observei que os alunos ficaram à vontade na Sala e muitos fizeram pela primeira vez a ficha de empréstimo de livros. Embora esse atendimento tivesse sido combinado para acontecer semanalmente, no horário da aula de língua portuguesa, inclusive com a presença da professora de português, ele não aconteceu de forma sistemática. Vários encontros não aconteceram por diferentes motivos: Sala de Leitura ocupada com reuniões diversas ou professora envolvida em outras atividades. As professoras das Salas de Leitura Pólo costumam ser convocadas para diversas reuniões, tanto pela SME quanto pela MULTIRIO.

Projetos

A idéia de se trabalhar através de projetos na escola é uma idéia que surgiu no início do século, com John Dewey e outros pensadores da chamada “Pedagogia Ativa”. Já nessa época, a discussão estava embasada numa concepção de que educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente – tão real e vital para o aluno como ele vive em casa. Depois de tanto tempo, essa discussão continua atual; a discussão da função social da escola, do significado das práticas escolares para os alunos foi e continua a ser um dos assuntos mais polêmicos.

Atualmente, na educação, o termo projeto, amplamente utilizado, aparece como uma forma de desenvolver uma proposta pedagógica, como por exemplo: o projeto político-pedagógico de cada escola. Outra idéia relacionada aos projetos aparece como uma alternativa de se trabalhar privilegiando a interdisciplinaridade e contextualização. Embora não tenha uma relação fiel com teorias, o que se vê é uma tentativa de trazer mais o mundo para dentro da escola e que o aluno seja sujeito desse processo.

Como relatado pela professora Rosane, em nosso primeiro encontro, vários projetos são desenvolvidos pela Sala de Leitura. Alguns, programados pelos próprios professores da Sala e outros ligados a temas sugeridos pela SME. O que pude observar foi que a idéia de projeto se restringe ao desenvolvimento de atividades ligadas a uma temática única. Assim, para a BIENAL do Livro que aconteceu em maio, todos os professores de Sala de Leitura, ligados à Sala de

Leitura Pólo observada, combinaram um tema único a ser trabalhado com os alunos. Esses trabalhos fizeram parte do stand da SME no evento literário. Assim, em cada escola, a Sala de Leitura deveria promover as atividades para produção do material a ser exposto. Da mesma forma foi feito em relação à exposição de trabalhos no Salão do Livro, no MAM. Para esse evento, novo tema foi escolhido. Na escola observada, as professoras da Sala escolheram duas turmas para contar histórias e fazer algumas produções para exposição. A esse respeito, parece que o que interessa não é a relação estabelecida entre o leitor e o texto, mas sim em transformá-la em algo materialmente visível. Dessa forma, o projeto se constrói do ponto de vista dos professores e não dos alunos. Estes são convidados à Sala e participam de uma atividade única, sem desdobramentos. O uso do termo projeto para esse tipo de atividade não me pareceu apropriado.

3.5.2 O Uso do Vídeo

Como anunciei no início deste item, além de práticas com textos impressos, outras atividades são propostas para Sala de Leitura. Ver vídeo, como também pode ser verificado nos depoimentos dos alunos, é uma das atividades freqüentes nesse espaço.

Antes de analisar o uso de novas tecnologias na escola, preciso situar o ponto em que se encontram os estudos sobre essa temática. Segundo Porto (2002) é necessário superar o uso de audiovisuais apenas como recursos auxiliares de um ensino preocupado somente com a transmissão do conhecimento. A introdução das mídias como ferramentas fez parte de um outro momento histórico, quando se atribuía ao seu uso a solução para os problemas educacionais. Hoje, segundo a autora, deve-se pensar em seu uso não como propiciadores de mudanças em si só. *As pessoas em interação com as mídias, tornam-se mediadoras destas, assim como as mídias tornam-se mediadoras entre as pessoas* (2002:3). Nessa perspectiva, é importante a utilização de diferentes linguagens para abordar o conhecimento e estabelecer relações.

Outra autora que vem apresentando importantes reflexões a respeito desse tema é Jobim e Souza (2003:38-39). Para ela, *a escola precisa enfrentar e questionar a profunda re-organização que vive o mundo das linguagens e das escritas, reformulando a obstinada identificação da leitura com o que se refere*

somente ao livro. Hoje é imprescindível levarmos em conta a pluralidade e a heterogeneidade de textos, relatos e escrituras (orais, visuais, musicais, audiovisuais, telemáticos) que circulam entre nós. Jobim e Souza respalda-se em Martim-Barbero (2000) defendendo o uso da tecnologia como uma forma de inserir a educação escolar nos modernos processos de comunicação, não *como meio para amenizar o tédio do ensino.*

Acrescento a essas posições teóricas, a preocupação de Correa (2002:44) afirmando que *inovações tecnológicas não significam inovações pedagógicas.* Por meio de recursos considerados inovadores, reproduzimos as mesmas atitudes, o mesmo paradigma educacional pelo qual fomos formados. *Não basta trocar de suporte, sem trocar nossas práticas educativas, pois estaremos apenas apresentando uma fachada de modernidade, remodelando o “velho” em novos artefatos. Devemos (...) compreender a tecnologia para além do mero artefato, recuperando sua dimensão humana e social. Lembrando que as tecnologias que favorecem o acesso à informação e aos canais de comunicação não são, por si mesmos, educativas, pois, para isso, dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa (: 46- 47).*

Acreditando que a escola precisa refletir sobre a sua relação com os meios tecnológicos e comunicacionais, trago quatro cenas observadas durante esta pesquisa:

Cena 1 –

Harry Potter na tela, som muito baixo, quase inaudível, barulho intenso da rua, professores conversando, alunos de 5^a série conversando entre eles, poucos olhavam para a tela, professora chamava a atenção dos alunos de vez em quando, lembrando que, após o vídeo, teriam um debate sobre o filme. De repente a professora olha o relógio, se levanta e interrompe a projeção, mesmo sem ter terminado. Dirige-se aos alunos justificando que o tempo deles havia terminado e que num próximo encontro eles terminariam de assistir ao filme. Alunos se levantam e saem da Sala sem nenhuma reação.

Cena 2 –

Alunos bem pequenos chegam à Sala de Leitura com a professora. Ela dirige-se à professora da Sala de Leitura e pergunta se pode colocar uma fita de vídeo para sua turma. A Sala, naquele momento, está sendo utilizada somente por quatro alunos de 7ª série, jogando xadrez. Prontamente, a professora da Sala coloca o vídeo para as crianças assistirem. Em seguida, as professoras presentes (Márcia e Carla), prestando atenção ao filme, verificam se tratar de um filme extremamente violento, não indicado para crianças de 7/8 anos. A professora da turma escreve sem parar e não olha para o filme. Poucos alunos olham para a tela; conversam entre si baixinho. Os alunos que estão jogando xadrez param de jogar e começam a prestar atenção ao filme. Um deles pergunta à professora se aquele não era o filme X, a professora confirma e ele lhe diz que aquele não é um filme para crianças. Situação constrangedora, somente para as professoras da Sala, pois a da turma continua escrevendo sem dar importância ao comentário do aluno. A professora Carla resolve intervir. Pergunta aos alunos e à professora se pode mudar o filme. A professora concorda e continua escrevendo. Os alunos escolhem, dentre os sugeridos por ela, desenhos da coleção Crianças Criativas. Quando as crianças estão no meio de um desenho, a professora termina o que escrevia, chama a turma para voltar para sala de aula, sem esperar que eles terminem sequer o desenho a que assistiam.

Cena 3-

Professora de Ciências chega na Sala de Leitura com uma turma e diz que quer colocar uma fita de vídeo. A professora Márcia explica que é impossível naquele momento, pois elas estão usando o espaço para empréstimo de livros com várias turmas. Indica o auditório como alternativa, mas a professora de Ciências, visivelmente aborrecida, reclama não poder usar a Sala. Sai da Sala de Leitura revoltada, mas em seguida retorna para pegar a fita. Diz que quer uma fita, mas não sabe dizer o tema, nem indicações de como achá-la. A professora da Sala de Leitura apresenta o livro de registro das fitas, mas ela se recusa a consultá-lo.

Cena 4 –

Um grupo de alunos deficientes auditivos assiste ao filme Harry Potter e a Pedra Filosofal. O grupo é pequeno, mas parece interessado no filme, quase todos olham atentamente para o vídeo. O filme era dublado e, simultaneamente, a professora do grupo explicava o que acontecia na língua de sinais.

Depois da descrição dessas cenas, impõem-se alguns comentários a respeito de cada uma delas, contextualizando-as e problematizando-as. Início pela cena 4, que se diferencia na forma como as relações se deram. Percebi os alunos participarem com interesse da atividade. Tinham como mediadora uma empolgada professora que os ajudava na compreensão do filme. Simultaneamente, sem interromper a exibição do filme, explicava algumas cenas na língua de sinais e somente os alunos que necessitavam desse apoio a observavam. Essa atividade me pareceu significativa, pois a mediação da professora se dava não de forma autoritária, condutiva, era o apoio necessário para quem precisasse. De vez em quando, os alunos lhe faziam perguntas ou comentários. Esse foi um momento de leitura compartilhada, enriquecedor para o grupo presente. Já das cenas 1 e 2 não se pode dizer o mesmo. Aliás, a pergunta que me fiz foi: por que o vídeo estava sendo utilizado? Em relação à cena 1, a professora escolheu um filme que ela acreditava ser do interesse dos alunos, mas o fato é que não deu importância às condições de projeção do filme. O som estava com defeito, era baixíssimo, além do intenso barulho da rua. Naquelas condições, certamente qualquer um de nós não se interessaria por prestar atenção a nenhum filme. De vez em quando a professora chamava atenção dos alunos, lembrando que eles tinham que assistir ao filme, pois fariam um debate depois. Não houve uma avaliação em relação ao aproveitamento da atividade e também não foi perguntado aos alunos se gostariam que o filme fosse interrompido já que era quase impossível ouvi-lo, fato que só ocorreu quando o sinal bateu, anunciando o fim daquela aula. Na cena 2, a professora da turma se eximiu da responsabilidade de orientar a escolha do filme adequado, argumentando que um aluno havia levado aquele filme e ela nem sabia do que se tratava. Pergunto: qual seria o papel do professor nessa situação? O da não intervenção absoluta? Penso que não. Acredito na possibilidade de uma

atuação respeitosa e responsável, apresentando opções adequadas e que correspondessem de fato ao que os alunos desejavam naquele momento de suas vidas. A cena 3 se refere ao uso do vídeo-aula. Nesse tipo de programa, o objetivo é apresentar os conteúdos de diferentes disciplinas, enriquecendo-os com imagens, entrevistas, mapas etc. É claro que o objetivo não é substituir a aula dada pelo professor, mas acrescentar. Segundo a professora Márcia, alguns professores da escola utilizam essas fitas de forma bem adequada: levam as fitas para casa anteriormente para conhecer seu conteúdo e, durante a projeção, param a fita para explicar, complementar ou contestar informações veiculadas no programa. Não tive oportunidade de observar o uso do vídeo por esses professores. A cena narrada me leva a constatar que existem casos em que esse material é utilizado sem planejamento prévio, provavelmente sem as interferências necessárias para um melhor aproveitamento do material.

Verificamos que a incorporação de meios tecnológicos ao processo educativo pressupõe alterações na organização do trabalho pedagógico e nas relações aí estabelecidas. Essas novas práticas só têm sentido se propiciarem aos sujeitos uma reflexão crítica da realidade. Sendo assim, aponto a necessidade de se refletir sobre as apropriações que têm sido feitas, sobre os significados que o uso do vídeo têm adquirido no interior da escola, as condições físicas da escola para essa atividade se desenvolver, se os dinamizadores desses acervos devem ser mesmo os professores das salas de leitura, como viabilizar essa dinamização com um só professor nas salas de leitura satélite...

Finalizo essa reflexão, reforçando o que já foi colocado anteriormente: que a utilização de novos suportes por si só não garante pedagogias democráticas, solidárias e humanas. Isso não significa dizer que não devemos investir no diálogo entre os diversos modos de produção de conhecimento e seus diferentes suportes. Muito pelo contrário, verifico a necessidade de uma profunda discussão sobre esse tema. Para isso, precisamos mergulhar no cotidiano das escolas e procurar compreender as apropriações já realizadas, tanto as produtivas, quanto as que reproduzem modelos que precisam ser superados.

3.5.3 Outras atividades

Além dessas práticas mais constantes, o espaço da Sala de Leitura é utilizado para algumas reuniões. Mensalmente acontecem as reuniões com os professores das Salas de Leitura Satélite. Nesses encontros são convocados todos os professores das Salas de Leitura Satélite, e, no caso de escolas que estão sem o professor de Sala de Leitura, é solicitada a presença de um representante da escola. O responsável pelas Salas de Leitura na CRE também comparece, além de toda a equipe de professores da Sala Pólo, que organiza a pauta e conduz a reunião. Observei uma dessas reuniões com 24 professores presentes (13 ligados à Sala Pólo observada e outros 12 ligados a uma outra Sala de Leitura Pólo da mesma CRE) e percebi que os professores têm muitas questões a discutir sobre o trabalho.

A pauta era extensa: informes gerais sobre cursos na Casa da Leitura e a programação da Casa de Rui Barbosa, leitura de um texto escolhido pela professora Márcia sobre a mulher e uma proposta de produção de um texto sobre o tema. Após a leitura das produções de cada professora, sendo que quatro apresentaram acrósticos com a palavra mulher, a professora Márcia questionou que *temos sempre deixado vir à tona o lado professora, sempre apresentando fórmulas prontas e não permitindo acessar as emoções mais profundas*. Propôs, ainda, que todos refletissem se não era essa a postura também em relação aos alunos. Após essa atividade, iniciaram uma avaliação da participação das escolas na BIENAL, das compras de livros feitas nesse evento e, por último, discutiram questões gerais sobre o trabalho.

Durante a reunião, o que foi levantado de mais polêmico foi o deslocamento do professor da Sala de Leitura para atender turmas sem professor; além disso, reivindicaram mais um professor para as Salas de Leitura de escolas grandes, com muitos alunos. Essa solicitação, segundo o grupo presente, é bem antiga e tem sido respaldada pela própria diretora da Divisão de Mídia e Educação. No entanto, com a falta de professor regente, a sua concretização tem sido adiada.

Outro ponto levantado pelos professores foi a necessidade de se *definir melhor as funções dos professores das Salas de Leitura*. Solicitaram também *capacitação para os professores das Salas Satélites*, pois avaliam que a formação

em serviço tem sido oferecida somente para os professores das Salas de Leitura Pólo. Tive oportunidade de conversar com duas professoras: a primeira era de uma escola de 5^a a 8^a séries. A professora relatou que o seu trabalho é basicamente o empréstimo de livros, pois não dá tempo para realizar outras atividades, já que os alunos freqüentam muito a Sala para ler e pegar livros emprestados. Nessa escola, a Sala só fica aberta por três períodos durante a semana, pois esse é o seu horário de trabalho (o professor de 5^a a 8^a séries tem uma carga horária de 16 tempos semanais). A segunda professora havia sido deslocada da Sala de Leitura para suprir a falta de um professor numa turma de 2^a série. Como a sua escola tem poucas turmas (só atende até a 2^a série), costuma receber todas elas com atividades na Sala. Essa professora é uma das mais antigas na função e bastante elogiada pelo grupo do Pólo pela excelência de seu trabalho.

Depois dessa reunião, foi possível confirmar o que já vinha observando ao longo desta pesquisa: os professores ficam bastante perdidos em relação às funções que devem exercer, desejam que elas sejam explicitadas e, mais do que isso, precisam de ajuda, por isso pedem “cursos de capacitação”. Apesar das dificuldades, procuram se adaptar às circunstâncias de suas escolas, ora fazendo somente empréstimos, ora substituindo professores, ora desenvolvendo projetos que não foram criados por eles.

Outro fato observado foi a utilização da Sala de Leitura Pólo para realização de reuniões que não têm relação com a sua função, como por exemplo, triagem médica de alunos, orientações para o melhor uso da voz etc. Não questiono a importância desses encontros, mas indago: não seria mais oportuno serem realizados onde não atrapalhassem o trabalho pedagógico? Por que a Sala de Leitura, quando a escola possui um auditório? Mesmo que não tivesse outro espaço, por que o seu trabalho pode ser desestruturado e o de outras salas não? É preciso esclarecer que esse não é um espaço disponível para qualquer coisa, ele tem uma especificidade que precisa ser esclarecida e respeitada. Quando a escola vai de fato assumir que a Sala de Leitura é um importante espaço de formação de leitores que não pode ser visto como “espaço coringa”, com professores “coringa”?

Em relação ao fato da Sala de Leitura Pólo ter se constituído como Núcleo de Mídia, não observei nenhuma atividade com o uso do computador, rádio ou outro equipamento eletrônico. Com a instalação de uma nova Sala de Informática

(já existe uma Sala de Informática do projeto Educação para o Trabalho), os professores da Sala de Leitura também serão os responsáveis por esse espaço, embora qualquer professor possa utilizá-lo com sua turma, independentemente da presença do professor da Sala de Leitura. Com mais essa função, será possível o professor ser o mediador de leituras literárias? Os equipamentos não estarão ocupando espaço demais no projeto? Quais as expectativas dos professores em relação ao trabalho a ser desenvolvido pela Sala de Leitura?

3.6 O que pensam os professores sobre a Sala de Leitura

Procurei ouvir os professores da escola sobre o que pensam desse espaço. Iniciei com a professora Márcia, que vem atuando nele há muitos anos. A transcrição de seu relato permite identificar a **importância que dá à literatura**:

E - *O que você considera primordial no trabalho da Sala de Leitura?*

M - *O contato dos alunos com o livro. Sem isso não tem Sala de Leitura.*

E - *E em relação às outras atividades que são propostas para acontecer na Sala de Leitura, como: as sessões de vídeo, rádio, enfim, as outras atividades?*

M - *Eu acredito que seja importante você estudar as diferentes linguagens, mas eu sou adepta que a principal linguagem a ser ensinada na escola é a do livro, que é a mídia secular. Até porque não vai ser feito em outro lugar, só na escola.*

E - *Quais são as principais dificuldades na realização do trabalho?*

M - *Algumas. Eu acredito que a gente precisava ter uma política de leitura, a gente ouve em todos os conselhos de classe os professores dizendo que o aluno não sabe ler, mas o professor, enquanto equipe, enquanto um todo, ele não pára para planejar atividades de leitura que venham sanar essas deficiências do aluno. Então a gente vê pessoas isoladamente trabalhando a leitura, se preocupando com a leitura, mas como um todo, até com os professores de língua portuguesa não é fácil encontrar as parcerias porque eles ficam mais envolvidos com os conteúdos da série, com as questões gramaticais do que com o entendimento da leitura. Eu acredito que o professor precisava fazer um planejamento: que leitor eu quero formar? Se eu quero formar um leitor crítico, eu preciso dar uns passos para que isso aconteça e isso com técnica, isso com planejamento, isso com seleção de textos e isso dá trabalho.*

E - *E você acha que a Sala de Leitura é um espaço para isso?*

M- Eu acredito que sim, mas não sozinha. Eu acredito num trabalho de equipe, com todos os professores, claro que a Sala de Leitura tem que entrar em todos os hiatos que a escola deixar para ela preencher, toda oportunidade que ela tiver tem que entrar, agora é preciso que seja gerada uma consciência do magistério como um todo dessa necessidade urgente do aluno ser formado enquanto cidadão leitor.

E- Por que você acha importante trabalhar com o texto literário?

M- Ah, eu acho importantíssimo pela qualidade do texto, estrutura de formação de pensamento, você vai captando outros modos de ver a realidade, porque a arte é isso, ela transgride do real e nessa transgressão ela cria, ao mesmo tempo que você está trabalhando a leitura do aluno, você está trabalhando a forma dele pensar sobre aquela realidade, a literatura te proporciona isso, quando ela abre ambigüidades, quando ela abre jogos de raciocínio, de pensamento, isso ou aquilo, então ela vai conduzindo o aluno a abrir um leque de possibilidades de leitura e de vislumbrar a vida mesmo, que uma outra linguagem não vai dar, com certeza a linguagem mais rica é a linguagem literária. Porque a imagem assedia o aluno com a coisa meio que pronta, né, ele precisa fazer uma leitura das seqüências das imagens e tudo, mas a literatura tem essa coisa de fazer o aluno imaginar, raciocinar, o livro ele te dá essa possibilidade de você estar lendo e alguma coisa te tocou, te emocionou você pára, volta, lê de novo, então esse espaço gerador de imaginação, de reflexão, eu não vejo outra linguagem que tenha este mesmo espaço que a literatura.

Nesse longo depoimento, a professora Márcia deixa claro a sua **prioridade em relação ao trabalho com a literatura** e levanta um ponto que considera problemático: a falta de uma política de leitura que convoque todos os professores para esse propósito. Segundo ela, nem mesmo os professores de português se comprometem com a tarefa de formar “cidadãos leitores”. **A Sala de Leitura é vista como a possibilidade de acesso ao livro.**

Já a professora que atua com uma turma do Ciclo acentua em seu depoimento **a importância da leitura vinculada ao desenvolvimento de outras competências**, como a escrita, por exemplo:

E – O que você acha do trabalho da Sala de Leitura?

P – *Eu acho ótimo, porque a partir do interesse pela leitura é que a criança vai desenvolver inúmeras outras competências, como: interpretação, pensamento crítico, escrita. Isto tudo vai se desencadeando.*

E- *O que você acha que poderia acontecer aqui?*

P- *Eu acho que poderia ser um trabalho por projetos, para vir mais vezes, porque é muito eventual, não tem aquele horário, não tem um projeto mesmo para que as crianças possam vir num horário, num cronograma.*

E – *Você acha que tinha que ser um atendimento mais sistemático?*

P- *É, mais sistemático, mais organizado. É o professor da sala de aula que tem que organizar, planejar e vir executar aqui. Às vezes acaba que não dá tempo, então se torna muito eventual mesmo, não é aquilo sistemático que a gente tem que ter aquele trabalho em sala, passar aqueles conteúdos todos.*

Sem dúvida existe uma valorização do espaço e das possibilidades de sua utilização, no entanto, considera que é o professor da Sala de Leitura quem deve promover dinâmicas naquele espaço. Na verdade, o professor de sala de aula se vê sobrecarregado com os conteúdos que precisam ser dados e não vê o trabalho com a literatura como uma de suas tarefas também. Conta histórias eventualmente, quando o tempo permite, pois o seu compromisso é com os conteúdos. Embora fale da importância da leitura, **não vê a Sala de Leitura como um espaço integrado ao seu trabalho de sala de aula.**

Temos ainda **professores que vêem a Sala de Leitura como suporte para o seu trabalho:**

P – *Utilizo a Sala de Leitura freqüentemente com os vídeos, passo aqui, no auditório ou na sala de aula. Utilizo muito também pegando livros emprestados para leitura própria ligada à formação, de pedagogia, e de livros ligados ao conteúdo de história, uma média de seis livros ao ano, que eu pego e devolvo.*

E- *Você costuma trazer seus alunos aqui para ler?*

P– *Ler, especificamente, eu não trago, porque no caso de História, já faço um trabalho de leitura direto com eles nos livros didáticos em sala de aula e também faço algumas pesquisas, mas dentro da sala de aula, porque esta escola é barulhenta como um todo, né, e a biblioteca não alivia um pouco esse barulho não.*

E – *Você acha que a Sala de Leitura poderia ampliar alguma coisa em seu trabalho, lhe ajudar em alguma coisa? De que forma?*

P– *Eu acho que devia ter os livros didáticos que não são utilizados, deveriam ser destinados à pesquisa, para deixar os livros já organizados para os alunos.*

E– *Você acha que falta material de pesquisa?*

P– *Não, material não falta não, falta é o hábito dos alunos pesquisarem, mas muitos alunos eu percebo que pegam muitos livros aqui, levam para casa, esse sistema funciona muito bem, tem dado bons resultados, eu até já comentei em conselho de classe que os alunos que pegam livros na biblioteca deveriam ter seus conceitos sempre avaliados num conjunto, desde que eles leiam mesmo. Alguns alunos aqui são fantásticos nesse aspecto, quem pega, pega muito e quem não pega, não pega nunca e nunca vai pegar, tem que fazer um trabalho de sedução em cima desses que nunca pegaram.*

E – *Quem tem que fazer esse trabalho?*

P – *A professora...os professores de um modo geral, entrar numa proposta de projeto para a escola como um todo e assinaturas de revistas, um trabalho de leitura de coisas mais cotidianas seria mais sedutor para eles também.*

Esse professor encontra na Sala de Leitura material que o auxilia em suas aulas, pensa na necessidade de estimular os alunos para a leitura, porém quando lhe pergunto se ele traz os alunos para ler nesse espaço, ele responde que não, pois já faz um trabalho de leitura com o livro didático em sala de aula. É evidente o caráter pragmático atribuído à leitura, pois o texto do livro didático faz parte de um gênero textual²⁸ próprio para o consumo fácil e rápido. Se após a leitura desse tipo de texto o aluno recebesse orientações no sentido de buscar outras fontes de informação (fora dos livros didáticos), poderia estar se formando um leitor crítico, mais à vontade com diferentes gêneros textuais e com um repertório mais amplo de leituras. Para isso, o professor também precisaria estar mais à vontade com outros tipos de textos e conhecer um repertório que pudesse interessar aos seus alunos e ao mesmo tempo ampliar as suas possibilidades de leitura. Como se pode ver, os olhares se voltam para a Sala de Leitura esperando dela diferentes destinações. Com isso, os propósitos se dispersam e o programa fica sem uma avaliação consistente.

²⁸Tipos relativamente estáveis de enunciados, conceito desenvolvido por Mikhail Bakhtin (2000:279).

3.7 Uma outra Sala de Leitura como um contraponto

A intenção de visitar outra Sala de Leitura, agora uma Sala Satélite, foi no sentido de observar se as dinâmicas se repetiam e como era resolvida a questão dessa Sala que só possui uma professora em sua estrutura. Acabei entrando nessa escola somente no mês de outubro, o que não favoreceu uma observação intensa. Decidi delimitar um número de quatro visitas para encerrar o trabalho de campo. Dessa forma, sinto-me pouco à vontade para realizar uma análise mais aprofundada do que observei, no entanto alguns aspectos merecem ser destacados.

Essa escola, praticamente vizinha da escola observada anteriormente, pertence à mesma Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e foi indicada pela professora Márcia, da Sala Pólo, por realizar um bom trabalho com literatura. Assim, em relação ao contexto social mais amplo, não existem grandes diferenças. Ela também fica situada numa rua de grande movimento de um bairro de classe média, rodeado de favelas. Em sua história, essa escola teve uma diretora que ficou muitos anos no cargo e que era conhecida por sua exigência, tanto em relação aos alunos quanto aos professores. Com isso, por muitos anos, essa escola foi tida como boa pela comunidade, que formava grandes filas em sua porta a fim de conseguir vaga. Mesmo depois da saída da referida diretora, o grupo mais antigo da escola procurou manter algumas práticas que eram comuns em seu tempo²⁹.

Em minha primeira visita, percebi que o ambiente da escola é tranquilo. Ela possui um pátio aberto, árvores ao seu redor e um clima cordial entre os profissionais que ali encontrei. Os alunos possuem um espaço próprio para o exercício de atividades físicas, além do pátio. Nas paredes próximas ao refeitório, havia cartazes que divulgavam um projeto de leitura no recreio. De acordo com a professora da Sala de Leitura, aquele era um projeto de uma das professoras de língua portuguesa e que só teve participação da Sala de Leitura em seu início, quando foram emprestados livros para começar a proposta. Depois a professora conseguiu livros doados pelos próprios alunos e acabou não utilizando mais os da Sala de Leitura. Embora o foco desta pesquisa seja a Sala de Leitura e suas

²⁹ Essas informações eu possuía por ter feito parte da equipe do Distrito de Educação e Cultura (antigo DEC, hoje, CRE) que acompanhava as escolas dessa região.

práticas, não posso deixar de citar esse trabalho que me pareceu interessante. Os livros são oferecidos aos alunos na hora do recreio em um local próprio no pátio, com mesas e cadeiras, para a leitura dos livros sendo que a professora permanece junto com eles também lendo.

No primeiro encontro com a professora da Sala de Leitura, ela pediu desculpas por não podermos ficar na Sala, pois estava sendo utilizada por fotógrafos que tiravam fotos dos alunos para a carteira de estudante. Assim, fomos conversar no refeitório, que àquela hora estava vazio. Segundo suas informações, a escola possui 28 turmas, sendo 16 em cada turno e com um total de 1100 alunos. As turmas vão do 1º ano do Ciclo à 8ª série. Em relação ao seu trabalho na Sala de Leitura, relatou as seguintes atividades realizadas: empréstimo de livros para todas as turmas de 1ª a 4ª séries, com horário determinado; e para os de 5ª a 8ª, no horário de recreio dos alunos, participação em projetos, como coleta seletiva do lixo, e o atendimento a alunos que precisam de reforço na leitura. Explicou que iniciou um trabalho de leitura de textos e interpretação com alunos de 3ª e 4ª séries que foi estendido aos de 5ª e 6ª séries por solicitação dos professores no conselho de classe. Segundo a professora, é um trabalho de recuperação paralela, que embora ela saiba não ser exatamente esse o trabalho proposto para as Salas de Leitura, considera que deve realizar o que for necessário para atender a demanda da escola. Depois dessa conversa, marcamos um novo encontro na semana seguinte para observação da dinâmica da Sala. Assim que cheguei, ela me informou que eu não veria nada de importante naquele dia, pois iniciaria um trabalho de “tomar leitura” dos alunos do Ciclo e da Progressão. Nos dois dias em que fui à escola, ela continuou esse trabalho, que merece uma análise.

Tomar Leitura X Dar a Ler

Que sentidos são atribuídos a essa prática, realizada todos os anos pela professora da Sala de Leitura? Segundo a professora, o objetivo é saber o nível de leitura de cada criança, a fim de colocá-la numa turma adequada no ano seguinte. Essa avaliação é feita com todos os alunos do Ciclo e da Progressão; para os alunos de 3ª e 4ª séries, a escola prepara uma prova única para cada série. De acordo com o seu depoimento, essa prática ocorre há muitos anos (desde o tempo

em que a própria diretora realizava essa tarefa) e é considerada necessária pela equipe da escola. Assim transcorria a atividade:

O aluno chega na Sala, recebe um pequeno “texto” que ele lê silenciosamente, sem poder fazer perguntas. Depois que acaba a leitura individual, lê oralmente para a professora e responde algumas perguntas que são feitas por ela (Diário de campo: 127).

Esse ato mecânico de decodificação dos sinais gráficos, seguido pela chamada “interpretação” do texto, compõe o que eles chamam “tomar leitura”. Talvez o emprego desse termo seja até bem adequado se considerarmos um dos sentidos da palavra tomar: retirar. O que se faz, de fato, é tomar a leitura, retirando do aluno a capacidade de produzir sentidos, de interagir com o texto ativando sentidos de acordo com a sua experiência. A atividade relatada pode ser associada a uma concepção denominada estruturalista, já que postula a leitura como unidade semântica, cujo sentido deve ser reconhecido pelo leitor. O texto é constituído basicamente por sua referencialidade, tendo um significado específico que precisa ser recuperado pelo leitor no momento da leitura. Assim, o aluno é considerado leitor competente quando é capaz de apreender e reter o significado prévio do texto.

Contrapondo-se a essa concepção, Larrosa (1999:140) em sua reflexão sobre o papel do professor na oferta de textos aos alunos, comenta:

O professor – aquele que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como um dom, nesse gesto de abrir o livro e de convocar à leitura – é o que remete o texto. O professor seleciona um texto para a lição e, ao abri-lo, o remete. Como um presente, como uma carta.(...)

Mas a remessa do professor não significa dar a ler o que se deve ler, mas sim “dar a ler o que se deve: ler”.

Defendo a mesma concepção de leitura deste excerto. O papel do professor é possibilitar a leitura, “dar a ler”, o que significa trazer o leitor para o diálogo com os textos, construindo novos sentidos e reativando os já existentes. Assim

entendo o papel do professor da Sala de Leitura, como aquele que dá a ler, e não aquele que toma a leitura.

Encerro este capítulo, retomando as palavras de Larrosa (1999:142), pois acredito que elas sejam a síntese do que realizei nesta pesquisa:

O que se deve ler na lição não é o que o texto diz, mas aquilo que ele dá o que dizer. Por isso, a leitura da lição é escuta, além daquilo que o texto diz, o que o texto abriga e o que ele dá o que dizer. Ler não é apropriar-se do dito, mas recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito. E demorar-se nisso. Entrar num texto é morar e demorar-se no dito do dito. Por isso, ler é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer, trazer o pensado à proximidade do que fica por pensar, trazer o respondido à proximidade do que fica por perguntar.